



9º Encontro Internacional de Política Social
16º Encontro Nacional de Política Social
Tema: A Política Social na Crise Sanitária revelando Outras Crises
Vitória (ES, Brasil), 13 a 15 de junho de 2023

Eixo: Serviço social: Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Marxismo e serviço social: Leituras secundárias da teoria social marxiana

Ednéia Alves de Oliveira¹
Laura Maria Cabral Silva²

Resumo: Este artigo é resultado de pesquisa de iniciação científica realizada nos últimos três anos e possui como objetivo enumerar as referências bibliográfica das obras de Marx e Engels³ nas produções teóricas dos assistentes de 1979-2022 na Revista Serviço Social & Sociedade. A metodologia utilizada foi a análise dos artigos publicados, contabilizando os artigos total para em seguida, separar os dos assistentes sociais e, dentre estes, aqueles com citações diretas da obra de Marx e Engels. Ao término da pesquisa foi possível constatar que o Serviço Social, ao contrário do preconizado por alguns autores, continua utilizando de leituras secundárias da tradição marxista, o que resulta em compreensões ainda rasas e residuais da realidade social e suas formas de enfrentamento.

Palavras-chave: Serviço Social. Teoria social de Marx. Serviço Social & Sociedade.

Marxism and social service: Secondary readings of Marxian social theory

Abstract: This article is the result of a scientific initiation research carried out in the last three years and aims to enumerate the bibliographic references of the works of Marx and Engels in the theoretical productions of the assistants of 1979-2022 in the Journal "Serviço Social & Sociedade". The methodology used was the analysis of the published articles, accounting for the total articles for then, separate those from social workers and, among these, those with direct quotations from the work of Marx and Engels. At the end of the research it was possible to observe that social work, contrary to what some authors recommended, continues to use secondary readings of the Marxist tradition, which results in still shallow and residual understandings of social reality and its ways of coping.

Keywords: Social Service. Marx's social theory. Social Service & Society.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de pesquisa de iniciação científica realizada nos últimos três anos e possui como objetivo enumerar as referências bibliográfica das obras de Marx e Engels nas produções teóricas dos assistentes de 1979-2022 na Revista Serviço Social & Sociedade. A metodologia utilizada foi a análise dos artigos

¹ Doutora em Serviço Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e professora do Departamento de Política e Ação do Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: oliveiraedneia21@yahoo.com.br.

² Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: lauracabraljf@gmail.com

³ Apesar de termos elencado as referências com base nos dos autores, utilizamos ao longo do texto a expressão teoria social marxiana ou tradição marxista por não existir na literatura o termo teoria social marxiana e engelsiana.

publicados, contabilizando os artigos total para em seguida, separar os dos assistentes sociais e, dentre estes, aqueles com citações diretas da obra de Marx e Engels. A escolha da revista se justifica, pois, a mesma se configura como a primeira revista da área, servindo como polo de divulgação do pensamento e da atividade profissional do Serviço Social. Durante todos estes anos a revista manteve sua representatividade na produção acadêmica, somando-se a ela outros periódicos de igual relevância, em conformidade com a expansão dos programas de pós-graduação na área no país. Qualificada pela CAPES, órgão de fomento à pesquisa, como A1, atualmente a revista se enquadra com publicação trimestral pela Cortez Editora. Portanto, por se configurar como um dos mais relevantes periódicos da área e por sua publicação ininterrupta nesses últimos 43 anos. Partimos do pressuposto que, com o movimento de renovação do serviço social nos anos de 1960 e, retomado com maior fôlego após o término da ditadura civil-militar no Brasil nos anos de 1980, houve uma maior aproximação do serviço social ao método marxiano e, conseqüentemente, uma apropriação direta desta bibliografia, fundamento para análise das mediações necessárias na construção do saber alicerçado sobre o pensamento crítico.

Salientamos que a vertente de intenção de ruptura com o conservadorismo colocou em disputa a necessidade de não mais utilizar Marx e Engels pelas vias de autores secundários, o que empobrecia e tornava a leitura dos autores deformada por interpretações de cartilha ou manual típica de partidos e sindicatos vinculados a luta da classe trabalhadora no Brasil. Com a chegada de textos traduzidos para o português da obra marxiana, sua apropriação se torna mais fácil, permitindo a compreensão do modo de produção capitalista pela ótica dos próprios autores. Destarte é importante ressaltar que o serviço social, pela sua própria dinâmica dentro do modo de produção capitalista, vive em um conflito constante, pois ao mesmo tempo que no Brasil, assume a perspectiva de lutar pela construção do comunismo, se vê obrigado a responder às necessidades imediatas da classe trabalhadora e da sua subsistência, executando políticas públicas no seio do Estado burguês em tempos de ofensiva do capital.

A particularidade do seu trabalho coloca em xeque muitas das categorias analisadas por Marx, dificultando uma compreensão do método de análise da realidade por invocar soluções que são contrárias ao pensamento crítico. Por outro lado, o processo de formação, a expansão do ensino a distância, a crise dos paradigmas, o

aumento da precariedade das condições de trabalho, afetando os assistentes sociais em sua maioria, além das leituras secundárias da obra de Marx e Engels incide numa incompreensão da realidade e da dinâmica do modo de produção capitalista. Diante do exposto, podemos afirmar que não vem ocorrendo uma leitura direta das suas fontes, mas de autores secundários, comprometendo as análises do serviço social e da realidade em que se insere este profissional.

2 DESENVOLVIMENTO

O contexto de apropriação do marxismo no Brasil foi marcado por um contexto internacional de crise dos partidos de esquerda, em face da crise do socialismo, de avanço da ofensiva do capital e as mudanças na organização do trabalho e reconfiguração do Estado com vistas à recuperação das taxas de lucro, de ascenso de movimentos sociais de caráter subjetivista e identitário nos países europeus e EUA e a recusa do marxismo como forma de compreensão da realidade, por entender que tal realidade é agora permeada por discursos fragmentados e residuais. Nesse sentido, o econômico se separa do político, colocando em xeque a concepção de totalidade, numa clara recusa ao marxismo de Marx, ou marxismo ortodoxo (LUKÁCS, 2003) ⁴.

As mudanças iniciadas no final de 1960, impulsionadas em maio de 1968, na França, e do Outono Quente, na Itália, reuniram estudantes e trabalhadores, reivindicando maior liberdade para as mulheres e jovens, recusa aos organismos tradicionais de representação política dos trabalhadores como partido e sindicatos (OLIVEIRA, 2020). Hobsbawm (1999), salienta que as manifestações de 68 foram

⁴ Para o entendimento do marxismo ortodoxo, que conforme aponta Lukács (2003) refere-se especialmente a questão do método em Marx, devemos ter em conta uma primeira consideração que compartilhamos com especialistas como Chassin (2009), Netto (2011b) e Tonet (2013), cuja consideração vai em sentido de afirmar que, em Marx não há a formulação de uma metodológica de aplicabilidade e repetição, cuja elaboração se dá a priori e independe do objeto a ser analisado, fruto do mero exercício subjetivo e intelectual de um pesquisador dotado de características especiais. Isto é, o “método” em Marx não reproduz a lógica metodológica das ciências duras ou naturais, muito menos segue a lógica harmônica naturalista do positivismo ou a formulação de tipos ideias Weberianos. Em Marx, há de forma primária, a inversão do idealismo que até então imperava no ramo de compreensão e estudo da realidade social [1], de forma que, o primeiro passo dado por Marx caracteriza-se justamente pela compreensão de que “A consciência nunca pode ser outra coisa senão o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo real de vida” (MARX; ENGELS. 2009, p.31), onde “[...] parte-se dos próprios indivíduos vivos reais e considera-se a consciência apenas como a sua consciência.” (MARX; ENGELS. 2009, p.32).

reflexos das melhorias obtidas durante o estado de bem-estar social nesses países com a expansão de políticas sociais e trabalhistas, métodos contraceptivos, dando à mulher, em especial, uma nova perspectiva de inserção social que não aquela já consagrada na sociedade patriarcal.

Soma-se ainda ao contexto supramencionado, as divergências entre o partido comunista russo e chinês e a ascensão de Mao e sua proposta de resgate de uma ação referendada pela ação coletivista, de resgate do homem altruísta e desprovido de interesses consumistas, gerando a revolução cultural proletária que acreditava no coletivismo e no voluntarismo. Hobsbawm (1999) sinaliza que o objetivo de Mao era criar um consenso em prol do bem comum. Ou seja, uma perspectiva assentada na ideia de uma vontade geral nos moldes rousseauianos do voluntarismo da vontade (OLIVEIRA, 2020).

É assim que os anos de 1970 foram palco de diversas manifestações em prol da liberdade, da igualdade, da democracia, mas sem questionar as relações de produção capitalista. Exemplo é o crescimento da luta por direitos civis nos EUA, protagonizada pelos negros norte-americanos e que logo ganham vulto internacional, em particular pelo assassinato de Luther King no final de 1960. Nesse contexto emerge uma crise de acumulação que corrobora para o questionamento de direitos sociais, do papel do Estado na garantia dos mesmos e na configuração de uma reorganização do trabalho e da economia com vistas a recuperar as taxas de lucro. É no bojo dos acontecimentos em tela que o neoliberalismo aparece como proposta de retomada da economia.

Com o cenário exposto, não foi difícil criar o terreno para o enfraquecimento da classe trabalhadora e das suas organizações classistas. O desemprego e a crise de superprodução nos países centrais legitimaram o discurso da crise generalizada, permitindo a consolidação de uma nova etapa da acumulação capitalista ainda em curso no mundo. Com o neoliberalismo, as reformas passaram a ser a tônica da economia. Em alguns países, cujas políticas e leis trabalhistas sequer haviam sido implementadas, o neoliberalismo utilizou-se do discurso da recuperação do atraso e da falta de alternativas, contaminando os segmentos progressistas, de esquerda e direita. No lugar de capitalismo, passou-se a atribuir ao neoliberalismo todas as

mazelas da vida social, esquecendo-se, como bem salientou Carcanholo (2019), que neoliberalismo é apenas uma fase do capitalismo que visa à reprodução ampliada na sua escala mais elevada, resgatando primórdios do capitalismo cuja máxima é a extração da mais valia absoluta e relativa e a alta concentração e centralização da riqueza, que, nessa fase, se expressam, sobretudo, na esfera do capital financeiro, portador de juros. É nesse contexto que a redemocratização brasileira vai se aventurar.

No campo teórico, a crise de acumulação serviu, como bem destacou Simionato (2009), para colocar em xeque o projeto da modernidade. Para ela, é nesse cenário que ganha vulto a crise dos paradigmas, ampliando o embate entre modernidade e pós-modernidade em que se destacam os “novos paradigmas”. Simionato (2009) alude ainda ao fato de a crise dos paradigmas ter suscitado a crítica ao marxismo e a “razão dialética”⁵, cedendo espaço ao irracionalismo e ao relativismo. Ou seja, a totalidade passa a ser considerada como algo impossível de ser analisado e, em seu lugar, dá-se início a uma análise, no campo das Ciências Sociais e Humanas, de teorias que separam o sujeito e o objeto, ou melhor dizendo, a teoria e a prática, ou ainda da fragmentação, do micro e das particularidades separadas da totalidade.

É nesse contexto que o processo de renovação do Serviço Social brasileiro vai ganhar fôlego. Após anos de ditadura civil-militar e a reabertura política com a redemocratização, a renovação vai exponenciar a ambiência da pluralidade na profissão, pluralidade que extrapola formas e métodos de atuação e passa a permear o âmbito de produção do conhecimento e orientação teórica profissional. Um movimento que acompanha um marco, também fundamental da profissão, a sua inserção nos ambientes de formação universitária e o contato com as diversas formações destes espaços e suas respectivas matrizes teóricas, em que se abrem as portas expostas por Netto (2011a), para a cientificização e laicização da profissão. É neste quadro, de mudança considerável do processo de formação profissional, agora ligado à organização acadêmica do conhecimento, que a profissão passará por mudanças consideráveis em sua lógica própria de conhecimento, diversificando-a de forma praticamente inédita até então, em sua história.

⁵ Grifos da autora.

Ante esta diversificação do conhecimento, produzida por todo este movimento sociopolítico modernizador, que o processo de renovação se colocará em marcha a partir de três principais correntes identificadas por Netto (2011a) como a perspectiva modernizadora, cuja matriz teórica fundamenta-se no positivismo e estruturalismo, com perspectiva pseudocientífica de neutralidade. A reatualização do conservadorismo, com a premissa de recusa do positivismo e das incursões marxistas, recuperando por sua vez tendências conservadoras da profissão, inspirando-se em uma certa fenomenologia, rodeado pela recuperação religiosa velada, com ênfase caritativa psicossocial.

A terceira vertente, essencial deste processo, é conhecida como intenção de ruptura, vertente diretiva hegemônica da profissão, ainda mais se levado em conta especificamente os processos organizativos e formativos do serviço social. Dessa forma, faz-se mais que necessário, ressaltar algumas contradições neste decurso. Uma primeira contradição emblemática, que é marcada obviamente pelas limitações conjunturais, históricas e políticas, está ligada à apropriação do marxismo por parte desta vertente. Tal apropriação mostra-se débil já na surgente experiência, questão que não é ignorada, e certamente reconhecida, pelas próprias idealizadoras da incursão de Belo Horizonte e por seus analistas posteriores. Netto (2011a) perceberá traços de voluntarismo e ecletismo, marcando a apropriação como débil justamente por beber em fontes secundárias a Marx. Exemplo desta consideração Lessa (2016) indicará, apontando que existia incompatibilidade entre a análise de classes presente na experiência, uma vez que partia do pressuposto de existência de uma “classe oprimida”, questão que segundo o autor impossibilita a definição clara da classe potencialmente revolucionária, na medida em que simplifica a luta de classes entre opressores e oprimidos, de modo a velar a complexidade da contradição pertinente ao modo de produção capitalista, uma vez que mistifica o conflito entre classes abstratas, distanciando consideravelmente da formulação de luta de classes marxiana.

Assim, o processo de renovação do Serviço Social, com o saldo pluralístico acumulado, e com uma não tão consolidada vitória hegemônica da intenção de ruptura, é hoje ainda, ambiente de consideráveis contradições internas, acompanhadas por um emaranhado de orientações teóricas, que mesmo segmentadas e pouco organizadas, fazem-se aparecer a cada dia, como apontado especificamente no capítulo dois de

Oliveira (2020), ou ainda nas aparições das vertentes clínica, liberal, cristã, neopentecostal, além é claro das atualizações ecléticas da modernização, presentes em muito da pós-modernidade, ou mesmo das derivações híbridas que afirmam ainda beber do marxismo, mas que estão permeadas de sincretismo. É reflexo também das sérias contradições profissionais, incitadas pela dinamicidade do real, em que a problematização mesmo da presença do marxismo no seio da profissão tem se mostrado reduzida no âmbito acadêmico, distanciada da prática profissional e cada vez mais esvaziada em conteúdo, afirmações que não se baseiam na mera crença, mas em pesquisas como a de Oliveira (2020), Lessa (2020) e pelo compilado de dados coletados por nossa pesquisa até o momento.

A recusa da totalidade, reverbera na incompreensão do processo sucessivo de abstração e síntese das determinações da realidade condensadas na formação de categorias que expressam o movimento dinâmico da própria realidade, excluindo a formulação de categorias desconexas, uni lateralizadas ou caóticas. As determinações abstraídas cujo processo de conhecimento reproduz na forma de teoria são expressão de uma totalidade de determinações relacionadas, contraditórias e multifacetadas, ou seja, as determinações são determinações justamente porque em sua conexão e conflito conformam a realidade social em sua totalidade. Esta totalidade, permeada por determinações inter-relacionadas, expressas teoricamente na forma de categorias historicamente referenciadas, carrega em si, enquanto objeto, enquanto realidade histórica, uma dinamicidade própria, onde as determinações se fundem em complexos constituídos por complexos, cuja interação mútua expressa justamente o movimento do real. As categorias expressam em diferentes graus, a multi-interação destes complexos e suas determinações definitivas ou contraditórias.

As instâncias constitutivas da totalidade variam em complexidade e determinação, assim, abstrações, ou categorias teorizadas em diferentes níveis de complexidade auxiliam no entendimento dinâmico, mas aproximado, do real. Marx afirma que, “[...] é mais fácil estudar o organismo, como um todo, do que suas células. Além disso, na análise das formas econômicas, não se pode utilizar nem microscópio nem reagentes químicos. A capacidade de abstração substitui esses meios” (MARX, 2017, p.16). Isto é, a forma mais complexa contém elementos adicionais, ou maior número de determinações em relação a forma mais simples, de modo que, não é

possível deduzir o complexo do simples, mas o simples do complexo, uma vez que a forma mais complexa está recheada de novos elementos antes não existentes ou pouco desenvolvidos na forma simples. Para a compreensão mais certa do elemento simples é necessário conhecer o elemento complexo, pois este contém parte dos elementos mais simples e ainda está adicionado de novas determinações. Dessa forma, por conta da maior extensão do elemento complexo, não é possível deduzi-lo em sua totalidade e realidade de elemento simples, mesmo que este complexo se manifeste como continuidade do simples. A priorização das abstrações totalizantes se justifica em Marx, justamente pela complexidade de determinações nelas contidas, de modo que a aproximação teórica com a realidade se mostra mais facilitada ⁶.

Desse modo, nossa pesquisa primou por uma busca de artigos publicados na Revista Serviço Social e Sociedade. Faz-se necessário ressaltar que esta pesquisa se iniciou no período da pandemia do COVID-19, prolongando até os dias atuais. Tal prolongamento se deu em face das revistas impressas, publicadas entre os anos de 1979-2009, estarem disponíveis apenas na biblioteca da Universidade onde a pesquisa está referenciada, fechada em razão das medidas de isolamento. Desse modo, inicialmente utilizamos como base de pesquisa apenas 39 revistas publicadas entre os anos de 2010-2020 disponibilizadas online. Posteriormente, com o retorno presencial da Universidade, nos debruçamos nas 100 revistas impressas referentes aos anos de 1979-2009. Após esses dois momentos realizamos a atualização dos dados com as novas publicações, 2021-2022.

A partir das análises elaboradas, foi encontrado 1.211 artigos publicados. Ao buscarmos os artigos escritos por assistentes sociais encontramos 341. Ao considerarmos apenas aqueles com referências a Marx e Engels o número encontrado é ainda menor: 73 artigos. Ou seja, apenas 6,02% do total dos artigos escritos por assistentes sociais utiliza Marx e Engels ou a teoria social marxiana como referência bibliográfica na construção de seus artigos. Assim, vale enfatizar que a análise dos

⁶ “Dessa forma, os opostos (o singular é o oposto do universal) são idênticos: o singular não existe senão em sua relação com o universal. O universal só existe no singular, através do singular. Todo singular é (de um modo ou de outro) universal. Todo universal é (partícula ou aspecto, ou essência) do singular. Todo universal abarca, apenas de um modo aproximado, todos os objetos singulares. Todo singular faz parte, incompletamente, do universal etc. Todo singular está ligado, por meio de milhares de transições, aos singulares de um outro gênero (objetos, fenômenos, processos), etc.” (LUKÁCS, 1978, p.109).

dados quantitativos nos oferece o seguinte cenário: Do total de artigos publicados pela revista Serviço Social & Sociedade nos últimos 43 anos, apenas 28,15% são elaborados por pessoas que se declaram assistente social e apenas 6,02% destes artigos possui referência à teoria social marxiana.

Assim, podemos inferir algumas questões importantes, 1) nos últimos 43 anos de publicações da Revista Serviço Social & Sociedade, revista notoriamente voltada à categoria profissional e considerada como principal polo de publicações da profissão – por conta mesmo de sua avaliação Qualis A1 –, aproximadamente 71,5% das publicações são de autores cuja formação não é em Serviço Social, com origem nas mais diversas áreas como medicina, psicologia, economia, ciências sociais, filosofia etc. Assim, podemos perceber que, por um lado, é possível apreender um considerável intercâmbio entre a profissão e as diversas áreas do conhecimento, demonstrando certa expansão em relação àquele contato inicial com as ciências sociais no período da renovação. Notória interlocução se dá com a abrangente área da saúde por conta da inserção do Serviço Social como uma profissão no rol de atuação na saúde e no desenvolvimento de trabalhos e atividades multidisciplinares. Há ainda contato com a economia e ciências sociais quando da análise da realidade social em sua estrutura econômica e na conformação do Estado, por exemplo. Demonstra ainda, o interesse por parte de pesquisadores dessas diversas áreas nos espaços de publicação do Serviço Social, afirmando a conquista de um lugar de destaque da profissão no processo de construção de conhecimento no âmbito da universidade e em seus diversos projetos.

Porém, há uma questão séria que não pode deixar de ser notada e analisada, 2) do total das publicações - 1.211 artigos, apenas 73 artigos são de profissionais que se declararam assistente social e utilizaram o referencial bibliográfico de Marx e Engels. Deve-se levar em conta obviamente que, não é possível compreender, pela nossa pesquisa, se um artigo tem por orientação teórica o marxismo apenas tomando por base a presença ou não dos autores em seu referencial bibliográfico. Considerando as diversas ramificações do marxismo ao longo da história e a importância de muitos dos continuadores e intérpretes que se colocam nesta tradição, não há como ignorar, se tratarmos especificamente do Marxismo de Marx, ou do marxismo ortodoxo, que é vital a influência do próprio fundador da tradição e sua presença nas produções que assim se orientam. Há ainda de considerar que, por mais diversa e ampla que seja a

tradição marxista, para ser considerada como tal, deve girar em torno das formulações do de Marx e Engels – mesmo que de seus imperativos do ‘método’⁷ –, assim, se não há presença deste, a apropriação do marxismo dá por vias secundárias, por fontes não originais e, por vezes, consideravelmente distantes das formulações do fundador da tradição. Nesse ponto então não há como negar, de acordo com a nossa coleta de dados, a produção de assistentes sociais brasileiros que têm na tradição marxiana em seu escopo bibliográfico, presentes na Revista Serviço Social & Sociedade, é bastante residual, o que coloca em xeque a afirmação da hegemonia de uma corrente profissional orientada pelo marxismo, tendo em vista, que a presença do fundador da corrente teórica é ínfima.

Tal presença residual nos leva a principal constatação, tendo em vista os dados coletados e analisados até então, a orientação teórica marxista ou não é hegemônica, levando em conta as publicações analisadas, ou o marxismo utilizado pela profissão é fonte de adaptações e secundarizações⁸ tais que não apresenta em sua grande maioria dos casos a presença do fundador da tradição marxista no escopo bibliográfico. Desta forma, a presença do marxismo de Marx, é consideravelmente pequena e mesmo assim contestável se fizermos a análise do conteúdo dos artigos que contém Marx (etapa posterior da pesquisa). Assim, há uma clara semelhança entre o padrão de apropriação do marxismo por parte da atualidade profissional com a apropriação praticada pela intenção de ruptura durante o processo de renovação, isto é, uma apropriação de produções secundárias, por vezes descoladas completamente das formulações de Marx e contaminadas por diversas outras correntes teóricas, configurando ecletismo, confusão metodológica e adaptação as teorias e demandas da moda, além de sucumbidas as exigências profissionais de controle da força de trabalho.

⁷ Lembrando a argumentação de Marx acerca de seu ‘método’: “Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, senda a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo de pensamento – que ele transforma em sujeito autônomo sob o nome de ideia – é o criado do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado” (MARX, 2017, p.28). E ainda que, “os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (Marx, 2009, p.122).

⁸ Vale apontar que grande parte das bibliografias citadas e que se encaixam neste perfil de marxismo secundário, não por sua qualidade, mas justamente porque não são a bibliografia genética do Marx ou a clássica que o acompanhou, compõe-se por autores como: Netto, Yamamoto, Antunes, Coutinho, Bhering etc. Isto é, marxistas brasileiros com forte vínculo com a categoria.

Há ainda a manutenção do padrão pluralístico, tendo em vista mesmo a não hegemonia numérica das formulações orientadas por Marx, a presença de artigos provenientes de outras áreas do conhecimento e o reduzido número de artigos com genuína presença de Marx, abrem espaço para a presença de outras vertentes teóricas orientadoras, de proposições a outras práticas profissionais, de adaptações diversas entre teorias, de proposições multidimensionais, que mesmo não explícitas diretamente se manifestam nas relações bibliográficas, tais quais: o liberalismo, o reformismo, a pós-modernidade, o conservadorismo e etc.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de recuperação bibliográfica do processo de renovação do Serviço Social no Brasil, se dá justamente em demonstrar os caminhos e tendências percorridos pela profissão a partir e através daquele processo e seus possíveis rebatimentos até a atualidade. Já a recuperação do marxismo de Marx, ou marxismo ortodoxo, intenta demonstrar pelas fontes originais tanto o processo de construção do conhecimento em Marx e dos imperativos para a construção do conhecimento científico por parte do autor, quando o resultado deste conhecimento e seu fundamento estritamente revolucionário.

Assim, constata-se que, a presença de produções de assistentes sociais que bebem diretamente nas fontes originais de Marx é reduzidíssima. Numericamente a afirmada hegemonia da intenção de ruptura não se apresenta. Há clara presença de correntes teóricas diversas, tendo em vista todo o restante do material não referenciado por Marx. Possivelmente, grande parte do marxismo presente nos artigos é de fontes secundárias, reforçando o padrão de apropriação do marxismo da intenção de ruptura em seus primórdios e mantendo a lógica do pluralismo e de interlocução com outras áreas de conhecimento daquele período da renovação.

Para além da tendência numérica de não confirmação da afirmada hegemonia e confirmação do padrão de apropriação do marxismo derivado da renovação, há claros indícios da manutenção deste mesmo padrão na análise qualitativa empreendida nos artigos de assistente sociais que contém algum texto de Marx na bibliografia. Percebe-se a presença de um marxismo muito distante das formulações de

Marx, por vezes simplificado, deturpado ou mesmo equivocado. Marx, em muitos dos textos, é mero adereço, uma tentativa de demarcação como demonstram os conteúdos dos artigos e nas análises empreendidas. Portanto, analisando os artigos de assistentes sociais brasileiros na revista *Serviço Social & Sociedade* entre 1979-2022, é possível afirmar que: a dita hegemonia marxista, ou da intenção de ruptura não se apresenta, além disso, grande parte do marxismo presente é secundário, eclético, enviesado e completamente distante das formulações de Marx. Assim, o padrão de apropriação do Marx da intenção de ruptura aparenta ser o mesmo tendo em vista o material que analisamos. O padrão de disputa pluralística por hegemonia teórica, como na renovação se mantém.

Deste modo, consideramos essencial dar continuidade a esta pesquisa, tendo em vista mesmo, sua importância na constatação das reais bases teórico-metodológicas vigentes e dominantes na profissão, demonstrando ainda a urgente necessidade, por parte dos autoafirmados marxistas, em repensar consideravelmente os caminhos do marxismo no serviço social, tendo em vista sua constatada presença residual, quando não, secundária, enviesada, eclética e deturpada.

4 REFERÊNCIAS

CHASIN, J. **Marx**: estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009.

CARCANHOLO, M. Neoliberalismo y dependencia contemporánea: alternativas de desarrollo en América Latina. In: VIDAL, Paula Molina (org). **Neoliberalismo, neodesarrollismo y socialismo bolivariano**. Modellos de desarrollo y políticas públicas en América Latina. Santiago do Chile: Ariadna Ediciones, 2019, p. 33-50.

HOBSBAWM, Eric. **História del siglo XX**. Buenos Aires: Grijalbo Mondadori, 1999.

LESSA, S. **A crise da esquerda e do projeto ético-político do Serviço Social**. Maceió: Coletivo Veredas, 2020.

LESSA, S. **Serviço Social e trabalho**: porque o serviço social não é trabalho. 3. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

NETTO, J. **Ditadura e Serviço Social**: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011b.

OLIVEIRA, E. **Redemocratização e serviço social**: os caminhos do Serviço Social no Brasil pós-1985. Curitiba: CRV, 2020.

SIMIONATTO, Ivete. Expressões ideoculturais da crise capitalista na atualidade e sua influência teórico-política. Questão social e direitos. In: **SERVIÇO Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/Abepss, 2009.p.88-106.

TONET, I. **Método Científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.